

## Enfrentamentos poéticos contra os obscurantismos do presente

Julia Guimarães

É curioso observar como um texto ganha significados singulares em função dos diferentes momentos históricos em que ocupa o palco. No caso da peça *Agreste*, escrita pelo dramaturgo recifense Newton Moreno, sua primeira encenação ocorreu em 2004. Naquele contexto, embora a intolerância contra a homoafetividade no país fosse já bastante intensa – como, aliás, nunca deixou de ser – não havia ali um projeto político explícito e forte como o de agora a pautar o conservadorismo nos costumes. Tampouco essas forças ocupavam naquele momento os mais altos escalões do poder, o que colabora para legitimar violências contra quem não atende aos padrões impostos de gênero e de orientação sexual.

Nesse sentido, trazer de volta à cena este conhecido e premiado texto da dramaturgia brasileira contemporânea pode ser visto como um gesto necessário de tensionamento poético com relação aos obscurantismos do presente. E parece ser justamente essa a proposta da Cia. de Butuca no Tandem (SP), que apresentou sua versão de *Agreste* ontem à noite (27.10), no Teatro Raul Belém Machado, dentro da programação da 19ª edição do FETO.

Escrita em forma de narrativa, na tradição do gênero épico-dramático, a peça gira em torno de um casal que se apaixona – após anos de flerte pueril ao redor de uma cerca – e decide fugir juntos para algum vilarejo qualquer do agreste nordestino. A trama sofre uma reviravolta logo em seus primeiros momentos e a temática amorosa surge sobreposta ao problema da intolerância e do linchamento social diante de afetividades não normativas.

Na montagem dirigida por Maria Fernanda de Barros Batalha, a dimensão numerosa do elenco é aproveitada como mote para a encenação. A cena é ocupada por 19 atrizes e atores, vindxs da Escola de Atores Nilton Travesso, que se revezam nos papéis de contadores, personagens secundárias e dos protagonistas da trama. Uma vez que, na obra de Moreno, o amor é construído de forma independente – e por isso livre – em relação ao gênero, a opção por eleger uma multiplicidade de corpos a representar o casal da história adquire contundentes significados. É também o elenco que fica responsável por construir, com suas movimentações, boa parte das imagens sugeridas pelo texto, além de atuar como uma espécie de “cenografia móvel” da criação.

Embora plasticamente bonito, e flertando em algumas passagens com o teatro-dança, o jogo de cena proposto fica previsível quando simplesmente ilustra o texto, no lugar de suscitar outras camadas de leitura sobre a obra de Moreno. Uma vez que a peça explora uma escritura sutil para trabalhar sua dimensão poética – já que muitas palavras do texto buscam falar por metáforas ou entrelinhas – a transposição literal de certas imagens não ajuda no processo de ampliação dos sentidos que parece estar na raiz desta dramaturgia.

Operação semelhante ocorre com os figurinos e a trilha sonora do espetáculo, construídos em torno de referências por vezes já bastante exploradas para remeter ao agreste. No primeiro caso, vemos atrizes e atores com uma espécie de segunda pele de cor terrosa que serve como um tipo de base

neutra para transitarem por diferentes papéis. Já a trilha é permeada por faixas conhecidas do cancionário da MPB, como títulos de Domingos e de Gilberto Gil.

Ao optar por imaginários já bastante familiares, o espetáculo nos apresenta um agreste nordestino por vezes padronizado, quando se poderia investir em releituras a partir do próprio lugar de fala do grupo ou aprofundar sua investigação em torno de especificidades menos conhecidas desta área do Brasil.

Outra escolha da encenação vinculada ao elenco numeroso é o funcionamento desse coletivo como uma espécie de coro, responsável por narrar e comentar o que se passa em cena. Trata-se de uma opção que dialoga com a própria estrutura da peça, já que boa parte dos conflitos do texto são construídos pela tensão entre indivíduos (o casal) e tipos sociais (como vizinhos, velhas, padre, coronel e delegado).

Ao trabalhar esses tipos sempre em diálogo a uma coletividade que parece sustentar seu discurso (como no uso do jogral em diferentes momentos do espetáculo), a montagem da Cia. de Butuca... parece sublinhar em sua leitura o modo arraigado com que o preconceito e a coerção operam entre diferentes extratos da sociedade brasileira.

Por outro lado, ao coletivizar a voz dos contadores e dessas personagens-tipo, a encenação ofusca os lugares mais delicados do texto, que parecem pedir momentos de maior intimidade junto aos espectadores. Há dois riscos nessa proposição que em algumas passagens comprometem os sentidos da obra: o de carregar na dimensão dramática da história e fazer com que a poesia se transmute em melodrama; e o de cristalizar as personagens da trama em polos por demais dicotômicos entre “bons” e “maus”.

Nesse sentido, uma certa contenção sobre o viés virtuoso da encenação e da atuação poderia colaborar para fazer irromper as nuances que o texto demanda. Isso porque o vigor da montagem já aparece bem sustentado por outros elementos igualmente importantes para contar essa história – como a entrega do elenco à proposição cênica, sua forte presença coletiva e a habilidade em dizer o texto. Tal vigor produz efeitos de presença que parecem ter reverberado inclusive na recepção calorosa da plateia ao final da apresentação no Teatro Raul Belém Machado.

Este aspecto, somado à relevância de reconduzir esse emblemático texto aos holofotes do Brasil de 2019, faz de *Agreste* um trabalho potente sobretudo no contexto de seu surgimento, vinculado à formação de jovens atrizes e atores. Para além desses ajustes que ajudariam a intensificar a dimensão política e sensível da obra, a montagem pode ser vista como importante estratégia de enfrentamento artístico para lidar com as atrocidades do momento atual.